

ANAIS DA I MOSTRA CIENTÍFICA EM ANTROPOLOGIA E SAÚDE: DIÁLOGOS EM GÊNERO, DIVERSIDADES E DIREITOS HUMANOS

ORGANIZAÇÃO GERAL

Angélica Baptista Silva
Patrícia da Silva Von Der Way
Vera Rodrigues
Violeta Maria de Siqueira Holanda

MEDIADORES DOS GRUPOS DE TRABALHOS

GT 1 - Pandemia e Populações Vulneráveis

Dra. Angélica Baptista Silva (Fiocruz)
Dra. Lídia Valeska (Rede de Educação em Direitos Humanos)

GT 2 - Saúde, Gênero e Direitos Humanos

Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda (Unilab)
Dra. Maria Helena Barros de Oliveira (Fiocruz)
Dr. Murilo Mariano Façanha (Fiocruz)

GT 3 - Antropologia e Interseccionalidades

Dra. Vera Rodrigues (Unilab)
Dra. Jaqueline Gomes de Jesus (Fiocruz)

GT 4 - Gênero e Trabalho

Ma. Patrícia da Silva Von Der Way (Fiocruz)
Dra. Jacqueline Britto Pólvora (Unilab)

PALESTRANTES

Dra. Carmem Mozo - Universidade de Sevilla/Espanha - Palestra de Abertura
Dra. Cecília Izidoro - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil - Palestra de Encerramento

EQUIPE DE APOIO

Antônio Rhauan de Sousa Campos Lima - (Unilab)
Delane Silveira - (Unilab)
Lívia Fernandes - (Unilab)

APOIADORES





I MOSTRA CIENTÍFICA EM ANTROPOLOGIA E SAÚDE: Diálogos em Gênero, Diversidades e Direitos Humanos

APRESENTAÇÃO

No período de 23 a 25 de maio de 2022, o Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA UFC/Unilab e o Departamento de Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fiocruz - DIHS-Ensp/Fiocruz promoveram a I Mostra Científica em Antropologia e Saúde: Diálogos em Gênero, Diversidades e Direitos Humanos. O evento contou com a mobilização de 102 participantes, sendo 34 pós-graduandos/as/es e 68 ouvintes das duas instituições, bem como, de outras universidades parceiras. Dentre os/as/es participantes das pós-graduações que apresentaram trabalhos, 47,1% autodenominaram-se do gênero feminino e 52,9% eram masculinos. Sobre a representatividade em termos de raça/etnia, 41,2% autodeclararam-se Branco; 41,2% Negro; 14,7% Pardo; e 2,9% Indígena. Hum (1) estudante de nacionalidade argentina apresentou trabalho acadêmico. Dos/as/es participantes ouvintes, 61,8% são mulheres, 3% agênero e transgênero; 36,8% se autodeclararam negros e 7% são estrangeiros, cuja nacionalidade contou com a representatividade de Angola, Guiné Bissau e Argentina.

A programação da mostra científica de trabalhos de pós-graduação inaugurou uma série de atividades previstas no acordo de cooperação firmado entre

Unilab e Fiocruz com ações de pesquisa e promoção de eventos científicos, os quais têm por objetivo fortalecer as experiências por meio do diálogo interdisciplinar e, em especial, teórico-metodológico nas áreas da Antropologia, da Saúde Coletiva e dos Direitos Humanos, considerando as interseccionalidades de gênero, raça, classe social, dentre outras.

Desta forma, a iniciativa do projeto em caráter interinstitucional, diante do contexto sociopolítico deflagrado pela pandemia COVID-19, o qual acentuou desigualdades no campo dos marcadores da diferença e evidenciou a correlação com as ações ou a falta de por parte do Estado, especialmente em termos de políticas públicas de saúde e cortes substanciais de investimentos em ciência e tecnologia, os quais atingem especialmente universidades e instituições públicas e seu fazer científico. Cientes deste contexto e da necessidade de registro e compartilhamento de iniciativas acadêmicas que se colocam na contramão do negacionismo científico, por exemplo, nos colocamos como protagonistas de iniciativas de valorização da produção científica realizada por membras(os/es) das instituições onde atuamos em prol da sociedade em geral.



As repercussões das iniciativas acadêmicas são igualmente importantes para as duas instituições. No PPGA UFC/Unilab, especialmente por meio da sua linha de pesquisa “Diferença, Poder e Epistemologias” que vem dialogando no campo da Antropologia, mas não só, acerca de temas como: identidade, estudos sobre os marcadores da diferença (raça, etnia, gênero, classe, sexualidades e idade) e direitos humanos. Assim, nos interessa a promoção e ampliação da pesquisa acadêmica, tendo em conta a formação de nossos mestrandos(as) e a oportunidade de formação de redes também com instituições acadêmicas com propósitos afins, como é o caso do Programa de Pós-graduação da em “Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade” do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz via Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Dihs-ENSP/Fiocruz). No que diz respeito a Pós-Graduação da ENSP, essa iniciativa visa suprir um grande vazio dentro da Academia no sentido de preparar profissionais aptos a lidar com as questões de gênero e sexualidade que demandam crescentemente mudanças sociais significativas. Portanto, essa parceria reforça dois importantes diferenciais qualitativos desse curso: primeiro, um forte compromisso com a formação de profissionais e lideranças políticas, buscando promover uma atuação no mercado de trabalho e/ou no âmbito da ação política mais competente em relação às questões que envolvem gênero e sexualidade. O

segundo diferencial se dá pela articulação do curso com os movimentos sociais.

Neste sentido, esta I Mostra Científica contou com a organização de duas palestras, sendo uma de abertura e outra de encerramento e quatro Grupos de Trabalho, totalizando três dias intensos de trocas de conhecimentos e experiências plurais. O evento de abertura aconteceu com a participação da professora Dra. Carmem Mozo da Universidade de Sevilha/Espanha. O tema da palestra versou sobre “Saúde e Cooperação nos acampamentos Saharuis, de Tindouf (Argélia): Algumas chaves Antropológicas”. E, a palestra de encerramento foi proferida pela professora e enfermeira Dra. Cecília Isidoro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o tema “Linha de Frente de Enfrentamento a COVID na ótica de Enfermeiras Negras”.

Os Grupos de Trabalho constituíram momentos de grandes aprendizagens. O GT 1 **Pandemia e Populações Vulneráveis** foi organizado em duas sessões pelas coordenadoras **Dra. Angélica Baptista Silva** (Fiocruz) e **Dra. Lídia Valeska** (Rede Cearense de Educação em Direitos Humanos). Refletiu que o espalhamento do novo coronavírus no fim de 2019 trouxe mudanças na maneira de lidar com o processo de adoecimento. A determinação social da saúde nunca foi tão importante para promover a visibilidade das diversas situações extremas de vulnerabilidade. O monitoramento ativo antecipou as iniciativas de enfrentamento da pandemia e salvou vidas em comunidades empobrecidas. No entanto, a segurança alimentar de pessoas em situação de rua,



quilombolas, indígenas, entre outras populações invisibilizadas, se agravou com a recessão econômica e o longo período de isolamento social necessário para a desaceleração do contágio. Nesse ínterim, as Ciências Sociais e da Saúde globalmente foram convocadas a formular ações políticas voltadas ao enfrentamento da pandemia sobre diversos grupos vulneráveis, questionando até o conceito de vulnerabilidade clínica, social e territorial. Esse eixo propôs tratar das práticas e saberes da antropologia e da saúde nesse contexto de busca de narrativas contra hegemônicas e da resposta terapêutica cultural em diferentes localidades.

O GT 2 **Saúde, Gênero e Direitos Humanos**, organizado em duas sessões, ambas pela professora **Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda** (Unilab), com participação no primeiro dia da professora **Dra. Maria Helena Barros de Oliveira** (Fiocruz) e, no segundo dia, do professor **Dr. Murilo Mariano Façanha** (Fiocruz). O GT teve por objetivo reunir pesquisas com temas sobre saúde, gênero e/ou defesa dos direitos humanos. Foram apresentados trabalhos pautados na autoatenção e o cuidado, itinerários, agenciamentos, estratégias feministas/femininos/LGBTQIA+, saberes locais e/ou tradicionais, como práticas de sujeitas/os/es e coletividades que vivenciam processos de saúde e adoecimento. Foram aceitas pesquisas antropológicas que problematizavam as práticas e políticas públicas de saúde em interface com o gênero e a sexualidade, tais como, atenção à violência de gênero, aborto, planejamento

familiar/gravidez na adolescência, parto humanizado, terapias hormonais de pessoas trans, saúde da população LGBTQIA+, prevenção e combate ao HIV/AIDS, dentre outras. Tendo em vista a afirmação de direitos sociais e valorização das práticas de defesa da dignidade humana, foram refletidas as políticas públicas e de Estado, redes de atendimento, processos de institucionalização / desinstitucionalização, protocolos nacionais e internacionais de atenção à saúde.

O GT 3 **Antropologia e Interseccionalidades** foi organizado em duas sessões pelas coordenadoras **Dra. Vera Rodrigues** (Unilab) e **Dra. Jaqueline Gomes de Jesus** (Fiocruz). Refletiu que o fazer antropológico contemporâneo traz a marca daquelas(es) que até algum tempo atrás eram “objetos de estudo”, mas não “sujeitos produtoras(es) de conhecimento”. Esses sujeitos trazem consigo toda uma bagagem de formas de ser e estar no mundo que contribuem para um (re)pensar o campo e suas problematizações, a partir de lentes que perpassam raça/cor, gênero, sexualidade, geração dentre outros atravessamentos que podem ser pensados teórica e politicamente a partir do conceito de interseccionalidade cunhado pela intelectual Kimberly Crenshaw. Tomemos esse conceito amplificado pelas vozes e posturas afetivas-téorico-políticas de intelectuais negras do norte ao sul global para fazer emergir análises antropológicas em “ebulição”, ou seja, à altura dos desafios impostos por toda forma de opressão, mas também de lutas. Neste sentido, este GT acolheu trabalhos voltados para estudos sobre feminismo negro, ações



afirmativas, relações raciais, movimentos sociais, trajetórias de intelectuais negras dentre outras possibilidades de pensar a interface entre antropologia e interseccionalidades.

Por fim, o GT 04 **Gênero e Trabalho**, organizado em duas sessões pelas coordenadoras **Ma. Patrícia da Silva Von Der Way** (Fiocruz) e **Dra. Jacqueline Britto Pólvora** (Unilab) refletiu que a pandemia de COVID-19, guerras e conflitos, alterações climáticas e flutuação da condição econômica alteraram a vida das pessoas e o trabalho formal e informal. Neste cenário, o GT teve por objetivo discutir as relações sociais de gênero no trabalho incluindo a divisão sexual do trabalho, o emprego e a construção das carreiras, as desigualdades de remuneração e ascensão profissional, a precariedade, as discriminações e explorações, as condições de saúde e de doença no âmbito do trabalho, as violências e as interseccionalidades (gênero, raça/etnia, idade, nacionalidade, deficiência física e/ou mental, orientação sexual etc.), as singularidades do exercício profissional de pessoas rurais e urbanas, mães e pais. E ainda, as consequências vivenciadas pelos grupos

sociais diante de: o trabalho remoto e híbrido; os desafios geracionais; a conciliação da vida privada, familiar e profissional que para muitos, agora, se situam no mesmo ambiente; o da casa, do lar. Quanto aos profissionais de saúde: os desafios e estresse no trabalho devido à pandemia. Foram acolhidos pesquisas sobre gênero e empreendedorismo, diversidade, inclusão, políticas e práticas organizacionais para mitigar e/ou solucionar problemas, enfrentar os desafios em prol da qualidade de vida e da justiça social.

Esta publicação, portanto, reúne resumos de 20 trabalhos incipientes de jovens pesquisadores e pesquisadoras da comunidade lusófona dentro dos quatro macro-temas agrupados na mostra. São objetos de pesquisa oportunos e instigantes. Esperamos que o leitor da revista tome contato com essas novas visões - um panorama diferenciado e interseccional sobre a discussão atual de direitos humanos, da saúde global e da antropologia para o avanço na produção do conhecimento direcionado ao enfrentamento dos problemas e agravos à saúde.

Organizadoras

Angélica Baptista Silva
Patrícia da Silva Von Der Way
Vera Regina Rodrigues da Silva
Violeta Maria de Siqueira Holanda